

**Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social - ASCOM**

Destaque: Matérias que citam o ministro Fernando Coelho Filho ou o MME:

O Estado de S. Paulo

Título: Venda de subsidiárias da Eletrobrás afeta 6 mil empregados..... 19

Sumário

VEÍCULO: O Globo	2
Título: Tombo bilionário	2
Título: Petrobras vai ao TCU para vender Liquigás	4
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	6
Título: Pela 1ª vez, Brasil mais compra do que vende etanol	6
Título: Trump diz que guerra comercial é boa	7
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	10
Título: Mundo se arma para guerra comercial em resposta a Trump	10
Título: Siderúrgicas perdem R\$ 1,7 bi em um dia	12
Título: 'Exportação brasileira sofrerá efeito grande'	13
Título: Empresas americanas criticam proposta	14
Título: Para republicanos, tarifa sobre aço é como novo imposto	16
Título: OMC vê risco de escalada protecionista	18
Título: Venda de subsidiárias da Eletrobrás afeta 6 mil empregados.....	19
Título: Crescimento saudável das importações	21

VEÍCULO: O Globo**Seção: Economia****Autor: Rennan Setti, Ana Paula Ribeiro e Eliane Oliveira****Título: Tombo bilionário**

Siderúrgicas brasileiras perdem R\$ 1,9 bi em valor de mercado devido à decisão de Trump.

-Rio, São Paulo, Brasília e Nova York- Enquanto o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, se gabava no Twitter de que "guerras comerciais são boas e fáceis de ganhar" o restante do mundo reagia com perdas bilionárias nas Bolsas e ameaças de retaliação a sua proposta de taxar a importação de aço e alumínio. As siderúrgicas listadas na B3 (antiga Bo-vespa) perderam ontem R\$ 1,91 bilhão em valor de mercado, devido à queda de suas ações. Diante do temor de uma guerra comercial global, organismos internacionais tradicionalmente cautelosos, como União Europeia e Organização Mundial do Comércio (OMC), foram contundentes.

Na quinta-feira, Trump anunciou que vai impor sobretaxa de 25% às importações de aço e de 10% às de alumínio, alegando motivo de segurança nacional: precisa ter aço para produzir equipamentos militares. Ontem, no Twitter, Trump empregou um tom desafiador para responder às críticas ao plano, sugerindo que uma guerra comercial seria bem-vinda. Um dos temas de sua campanha eleitoral fora suposta injustiça nas relações comerciais dos EUA, sobretudo com China e Japão.

"Quando um país (EUA) está perdendo bilhões de dólares no comércio com virtualmente todos os países com os quais faz negócios, guerras comerciais são boas e fáceis de ganhar" escreveu o republicano na rede social. "Quando um país taxa nossos produtos em, digamos, 50%, e nós taxamos esses produtos em ZERO, isso não é justo nem inteligente. Em breve vamos ter impostos recíprocos de forma que tributaremos a mesma coisa que eles nos taxam. (Com um) déficit comercial de US\$ 800 bilhões, não há escolhas!"

INSTITUTO QUER QUE BRASIL TAMBÉM ADOTE TAXAS

A possibilidade de aumento das tarifas de importação sobre o aço e o alumínio nos Estados Unidos atingiu em cheio o desempenho das ações do setor no Brasil. Na última semana, com o aumento da expectativa em relação à mudança, a desvalorização ultrapassou os 10%, mesmo que apenas uma pequena parcela das vendas das siderúrgicas brasileiras tenha como destino os Estados Unidos.

— O anunciado protecionismo ensejou fuga em massa dos ativos de risco, especialmente das Bolsas globais, além de ter semeado temores de que a iniciativa provoque uma guerra comercial mundo afora — avaliou Ricardo Gomes da Silva, superintendente da Correparti Corretora.

A expectativa das sobretaxas vinha ganhando força desde o carnaval, quando Trump tocou no assunto pela primeira vez, mas só na quinta-feira foi sinalizada como algo concreto. No acumulado da última semana, o papel que mais sofreu no Brasil foi o da CSN, com queda de 10,2%, a R\$9,21. No caso da Usiminas, o tombo foi de 7%, para R\$ 11,34. Os papéis menos afetados foram os da Gerdau, com recuo de apenas 1,5% na semana. A empresa também produz nos EUA e poderia se beneficiar das tarifas sobre produtos importados.

As ações da CSN e da Usiminas recuaram, só ontem, 5,05% e 3,89%, respectivamente. Com a queda, a primeira perdeu R\$ 679,8 milhões em valor de mercado, enquanto a Usiminas registrou desvalorização de R\$ 597,5 milhões. No caso da Gerdau, sua queda ontem foi de 2,38%, proporcionando uma perda de R\$ 458,6 milhões em capitalização. A holding Metalúrgica Gerdau recuou R\$ 180,1 milhões.

Foram esses papéis que mais pressionaram ontem o Ibovespa, principal índice de ações do mercado brasileiro. Pela manhã, a queda foi de mais de 1%. Mas, à tarde, a melhora dos mercados americanos e o desempenho positivo da Petrobras fizeram com que o índice encerrasse em alta de 0,45%, aos 85.761 pontos. Segundo Ari Santos, gerente de renda variável da corretora H.Commcor, os investidores exageraram no pessimismo em relação às sobretaxas e, aos poucos, corrigiram os excessos: — Essa notícia causou um desgaste mundial, já que há um temor de uma guerra comercial. Mas, após esse impacto, as Bolsas nos Estados Unidos começaram a reagir, melhorando o desempenho do Ibovespa.

De fato, os principais índices americanos também conseguiram se recuperar. Depois de cair mais de 1%, o S&P 500 fechou em alta de 0,51%, enquanto a Bolsa eletrônica Nasdaq avançou 1,08%. A única queda foi no Dow Jones, mas de apenas 0,29% — pela manhã, também caíra mais de 1%. Já os mercados europeus, que fecham mais cedo pela diferença do fuso, encerraram em queda. O DAX, de Frankfurt, recuou 2,27%, e o CaC 40, de Paris, perdeu 2,39%. Em Londres, o FTSE 100 caiu 1,47%. Na Ásia, a Bolsa de Tóquio teve queda de 2,50%, e a de Hong Kong, de 1,48%.

Para o presidente do Instituto Aço Brasil, Marco Polo Mello Lopes, o governo brasileiro precisa aumentar as tarifas de importação sobre o aço, atualmente de 12%, em média. Isso, diz, seria uma forma de evitar que o Brasil seja invadido

por produtos siderúrgicos de outros países que perderão acesso ao mercado americano com as sobretaxas.

— O Brasil não pode ser ingênuo. Também tem que subir suas alíquotas de importação, para que o mercado interno não seja inundado — disse Lopes.

Em nota, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) classificou a decisão do governo americano de "injustificada e ilegal"! Se adotadas as sobretaxas para o aço e o alumínio, alertou a entidade, as exportações brasileiras serão prejudicadas. Para a CNI, "o governo brasileiro deve utilizar todos os meios disponíveis para responder à decisão americana, inclusive no âmbito da OMC.

ELECTROLUX ADIA INVESTIMENTO NOS EUA

A agência de classificação de risco Moody's, no entanto, acredita que a adoção de sobretaxas será administrável para os produtores brasileiros. Isso porque as exportações de produtos acabados (aços planos e longos) não representam 22% do volume total vendido aos EUA. Segundo a Moody's, as exportações de Usiminas e CSN para os EUA não são significativas, e a Gerdau seria beneficiada por ter operações naquele país.

Trump, no entanto, já sofreu um revés por conta de sua decisão. A sueca Electrolux, maior fabricante de eletrodomésticos da Europa, informou ontem que postergaria um investimento de US\$ 250 milhões no estado americano de Tennessee por causa das sobretaxas.

— Estamos colocando esse plano em espera. Acreditamos que as tarifas podem causar um aumento significativo do preço do aço no mercado americano — afirmou Daniel Frykholm, porta-voz da Eletrolux.

A companhia compra localmente todo o aço que utiliza em suas operações nos EUA.

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: Bruno Rosa

Título: Petrobras vai ao TCU para vender Liquigás

Estatel estuda alternativas, como busca de sócio e oferta de ações.

A Petrobras vai consultar o Tribunal de Contas da União (TCU) para decidir sobre o futuro da Liquigás, uma das principais empresas que vendem gás de botijão no país. Na última quarta-feira, o Conselho Administrativo de Defesa Econômica

(Cade), responsável pela concorrência no Brasil, reprovou a compra da subsidiária da estatal pela Ultragaz, que ofereceu R\$ 2,8 bilhões.

De acordo com uma fonte a par das discussões, como a Petrobras não quer continuar atuando no segmento, a companhia está analisando todas as alternativas para se desfazer da subsidiária. As opções incluem a busca de um sócio estratégico, o relançamento de nova oferta de venda ao mercado, e até mesmo oferta de ações na Bolsa.

— A Petrobras vai ao TCU para ver como é que se refaz o processo de venda da Liquigás. O que está certo é que a companhia não vai ficar com essa subsidiária. Por isso, hoje, qualquer iniciativa de venda está sendo considerada. As equipes vão começar a trabalhar para traçar alternativas — disse essa fonte.

META DE VENDA DE US\$ 21 BI

A equipe da Petrobras também vai costurar um novo modelo tendo como base a orientação do Cade de que o comprador não pode ter mais de 10% de participação no mercado brasileiro. Abaixo desse percentual há apenas, de acordo com dados do Sindigás, a Copagaz (com atuação em São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), com 8,36%, Fogás (1,70% e com presença em Amazonas, Rondônia, Acre, Roraima, Pará e Amapá) e Amazongás (0,79%). A líder do mercado hoje é Ultragaz (com 23,58%), seguida de Liquigás (21,66%). Em terceiro está a Supergasbras (20,15%).

Para especialistas, a decisão do Cade criou um ambiente mais complicado para a estatal. Para eles, a Petrobras pode ter problemas em alcançar sua meta de desinvestimento prevista para 2017-2018, de US\$ 21 bilhões. Uma outra fonte do mercado lembra que, quando a Petrobras iniciou o processo de venda da Liquigás no fim de 2016, empresas estrangeiras do setor de GLP do Chile, Turquia e Inglaterra mostraram interesse, mas as propostas ficaram pouco acima de R\$ 1 bilhão.

— Os preços oferecidos pelas empresas brasileiras foram superiores, pois essas companhias colocam no negócio os ganhos que terão com as sinergias. Na ocasião do processo de venda, o consórcio formado pela Supergasbras e a Fogás também ficou perto de R\$ 2,5 bilhões. Por isso, as estrangeiras saíram do negócio. A decisão do Cade é um mau sinal para a venda dos próximos ativos da Petrobras, como as refinarias — disse essa fonte.

Segundo outra fonte ligada às empresas estrangeiras, a expectativa é que essas companhias do exterior façam uma nova proposta, assim que a Petrobras lançar novo comunicado de venda. Segundo ele, a tendência é oferecer um preço em torno de seis vezes a geração de caixa operacional, medida pelo Ebitda. Como

comparação, a Ultragaz ofertou 12 vezes o Ebitda. Com isso, o valor da compra, com base nas propostas, poderia ficar em R\$ 1,2 bilhão: — As estrangeiras passam a ser o principal alvo da Liguigás agora. As empresas brasileiras com menos de 10% de participação de mercado não teriam hoje recursos em caixa para fazer uma aquisição desse porte. A recusa do Cade cria, de certa forma, uma insegurança para os investidores.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Seção: Mercado

Autor: Nicola Pamplona

Título: Pela 1ª vez, Brasil mais compra do que vende etanol

País fecha balança comercial de 2017 com déficit de 445 milhões de litros.

O Brasil fechou 2017 com um déficit na balança comercial de etanol, com importações superando as exportações do combustível pela primeira vez desde o início da série histórica divulgada pela ANP (Agência Nacional de Petróleo, Gás e Biocombustíveis), em 2004.

A dependência externa é resultado da maior competitividade do etanol americano, que substituiu vendas do produto brasileiro na região Nordeste. Reflete também a suspensão de investimentos provocada pela crise do setor sucroalcooleiro.

Em 2017, o Brasil importou 445 milhões de litros de etanol a mais do que exportou --no ano anterior, houve superávit de 957 milhões de litros. O etanol importado foi responsável por 1,7% do abastecimento nacional.

O etanol importado estava mais barato do que a cabotagem para levar a produção do Centro-Sul, explicou o diretor técnico da Unica (União da Indústria Canavieira), Antônio de Pádua Rodrigues.

Ele prevê que o déficit seja zerado no fim da colheita da safra 2017-2018. "Se não tiver investimento para aumento da oferta, vamos ficar nessa gangorra", disse.

A crise do setor se iniciou em meados da década, com o represamento do preço da gasolina e a consequente perda de competitividade do etanol.

Para a Unica, a nova política de preços da Petrobras garante maior previsibilidade ao setor, ao refletir o cenário internacional.

O déficit ocorreu em um ano de queda no consumo de etanol hidratado, que perdeu espaço para a gasolina. Enquanto as vendas do derivado da cana caíram 6,47%, as de gasolina tiveram alta de 2,63%.

PETROBRAS

Pelo segundo ano consecutivo, empresas privadas tiraram da Petrobras fatia dos mercados de gasolina e de diesel no país, de acordo com dados da ANP, que trouxeram alta de 0,44% no consumo de combustíveis em 2017.

O déficit no comércio exterior de gasolina cresceu 82,23%, chegando a 4 bilhões de litros --a estatal foi responsável por apenas 21,4% das importações, contra 59,7% no ano anterior. Em 2017, 12,5% do mercado nacional de gasolina foi abastecido por produtos importados.

A concorrência é ainda maior no mercado de diesel. Em 2017, 24,7% do mercado foi abastecido importações. A Petrobras foi responsável por apenas 4,3% das compras externas, contra 16,4% no ano anterior.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Seção: Mercado

Autor: Reuters

Título: Trump diz que guerra comercial é boa

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, assumiu um tom desafiador nesta sexta-feira (2), dizendo que guerras comerciais são boas e fáceis de ganhar, após anunciar na véspera que vai impor tarifas sobre importações de aço e alumínio ao país, o que desencadeou críticas globais e queda nos mercados acionários mundiais.

O Brasil está entre os países que mais devem ser afetados pela medida, já que é o segundo maior exportador de aço aos EUA. No ano passado, a receita gerada com vendas aos norte-americanos somou US\$ 2,63 bilhões (cerca de R\$ 8,5 bilhões).

O diretor-geral da OMC (Organização Mundial do Comércio), Roberto Azevedo, expressou preocupação com as tarifas de Trump, em uma intervenção extremamente rara na política comercial de um membro da organização.

"A OMC está claramente preocupada com o anúncio dos planos dos EUA sobre tarifas de aço e alumínio. O potencial de escalada é real, como vimos a partir das respostas iniciais de outros", disse.

"Uma guerra comercial não é de interesse de ninguém. A OMC vai observar a situação de perto."

O FMI (Fundo Monetário Internacional) alertou que as restrições vão causar danos econômicos generalizados, incluindo para a economia dos EUA, e pediu a Washington e seus parceiros comerciais que resolvam desavenças.

"As restrições às importações anunciadas pelo presidente dos Estados Unidos devem causar danos não só fora dos EUA, mas também para a própria economia dos EUA, incluindo as indústrias manufatureira e de construção, que são os principais consumidores de alumínio e aço", disse o FMI em comunicado.

Trump disse na quinta (1º) vai impor tarifas de importação para aço e alumínio de 25% e 10%, respectivamente, alegando proteção de empregos norte-americanos contra produtos estrangeiros mais baratos.

"Quando um país (EUA) está perdendo vários bilhões de dólares em comércio com praticamente todos os países com que faz negócios, guerras comerciais são boas e fáceis de ganhar", escreveu Trump no Twitter.

"Por exemplo, quando estamos perdendo 100 bilhões de dólares com um determinado país e eles decidem não fazer mais negócio, nós ganhamos muito. É fácil!"

Muitos economistas dizem que o impacto de alta dos preços para os compradores de aço e alumínio, como as indústrias de petróleo e veículos, vai destruir mais empregos do que as tarifas sobre importações irão criar.

A fabricante de eletrodomésticos Electrolux, por exemplo, disse que está adiando uma expansão de US\$ 250 milhões em fábrica no estado norte-americano do Tennessee, diante de preocupação de que os preços do aço nos EUA tornarão a produção menos competitiva.

REAÇÃO EM CADEIA

O Canadá, maior fornecedor de aço e alumínio aos Estados Unidos, disse que vai retaliar caso seja atingido pelas tarifas norte-americanas.

O presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, afirmou nesta sexta que a União Europeia não terá escolha a não ser responder caso os Estados Unidos concretizem o plano.

"Se os americanos impuserem tarifas sobre o aço e o alumínio, então teremos de tratar os produtos americanos da mesma forma", disse Juncker a emissoras de TV da Alemanha. À CNN, Juncker citou produtos como motos Harley-Davidson, uísque e calças jeans Levi's.

"Temos de mostrar que também podemos adotar medidas. Isso não pode ser uma ação transatlântica unilateral dos americanos", disse. "Não estou dizendo que temos de revidar, mas temos de agir."

A chefe de comércio da UE, Cecilia Malmstrom, advertiu sobre possível retaliação e afirmou que qualquer ação que atinja o continente seria profundamente injusta.

"Estamos discutindo diferentes medidas. Tudo, desde levar o caso à OMC, sozinho ou com parceiros afetados, e também medidas de proteção e possível retaliação", disse Malmstrom.

"Essas são coisas que estamos discutindo internamente na Comissão e em nossos Estados-membros. Mas, obviamente, nada será anunciado até que possamos conhecer a extensão das medidas."

O ministro de Finanças francês, Bruno Le Maire, disse que "uma guerra comercial entre a Europa e os EUA só terá perdedores", acrescentando que todas as opções estavam sobre a mesa e ele discutiria a questão com seus equivalentes alemão e inglês nesta sexta.

A China previu prejuízos para o comércio caso outros países sigam o exemplo dos EUA e disse que vai adotar ações para proteger seus interesses se as medidas comerciais dos Estados Unidos afetarem o país.

"A China espera que os EUA respeitem o sistema de comércio multilateral e mantenham uma ordem comercial normal com o resto do mundo", disse Wang Hejun, diretor da Agência de Solução e Investigação Comercial chinesa em comunicado do Ministério do Comércio.

"A maioria dos produtos de aço e alumínio importados pelos EUA são de média ou baixa tecnologia e que não prejudicaram a segurança nacional do país", afirmou Wang.

O ministro do Comércio da Austrália disse que as tarifas planejadas podem levar à retaliação por parte de outras economias e à perda de empregos.

"A imposição de uma tarifa como esta não fará nada além de distorcer o comércio e, finalmente, acreditamos, levará a uma perda de empregos", disse Steven Ciobo.

A Austrália buscou isenção para suas exportações de aço e alumínio aos Estados Unidos, acrescentou Ciobo.

BRASIL

O governo brasileiro afirmou que não descarta ações multilaterais para preservar os interesses do país, segundo o ministério da Indústria e Comércio Exterior.

"É uma loucura; é uma tarifa extremamente alta e, com certeza, inviabiliza nossas exportações para lá", afirmou à Folha Marco Polo de Mello Lopes, presidente do Instituto Aço Brasil.

A CNI (Confederação Nacional da Indústria) defendeu que o governo brasileiro reaja aos planos anunciados por Trump.

Nas contas da entidade, a medida poderia afetar US\$ 3 bilhões em exportações brasileiras de ferro e aço e US\$ 144 milhões de alumínio.

"O governo brasileiro deve utilizar todos os meios disponíveis para responder à decisão americana, inclusive no âmbito do sistema de solução de controvérsias da Organização Mundial do Comércio (OMC), o que, em caso de vitória, nos daria direito à retaliação", afirmou por escrito o presidente da CNI, Robson Braga de Andrade.

Citando pessoas da UE que não se identificaram, a agência Reuters diz que o bloco estudo aplicar tarifas de 25% em cerca de US\$ 3,5 bilhões em importações dos Estados Unidos.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Economia

Autor: Jamil chade

Título: Mundo se arma para guerra comercial em resposta a Trump

Disputa.

Medida anunciada pelo presidente americano na quinta-feira, impondo uma tarifa extra de 25% contra o aço e de 10% contra o alumínio provocou reação

imediate de vários países; União Europeia disse que produtos americanos terão sobretaxa de 25%

O presidente americano Donald Trump acendeu o estopim de uma guerra comercial global ao anunciar, na quinta-feira, a adoção de barreiras tarifárias à exportação de aço e alumínio. Ontem, houve uma reação global generalizada contra a medida, com vários países ameaçando retaliar os Estados Unidos impondo também barreiras contra produtos americanos. "Não vamos ficar sentados e ver nossa indústria ser afetada por essa medida", afirmou o presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker.

Segundo apurou o Estado, governos de países potencialmente afetados pela medida já consideram formar uma aliança internacional em um megaprocesso na Organização Mundial do Comércio (OMC), na tentativa de fazer pressão para que a medida de Trump não abra um precedente para outros setores.

O presidente americano quer impor uma taxa de 25% sobre as importações de aço e de 10% contra o alumínio estrangeiro, numa medida para proteger a indústria local. E ontem, no Twitter, fez uma espécie de defesa das guerras comerciais: "Quando um país está perdendo vários bilhões de dólares em comércio com praticamente todos os países com que faz negócios, guerras comerciais são boas e fáceis de ganhar."

As reações foram imediatas. A União Europeia indicou que vai responder de forma "firme", com tarifas de importação também de 25% sobre cerca de € 3,5 bilhões em fluxo de comércio americano. Isso incluiria as exportações agrícolas, mas também afetaria marcas de dimensões globais dos EUA, como motos Harley-Davidson ou roupas Levi's, citadas por Juncker.

Cecilia Malmstrom, comissária de Comércio da Europa, confirmou que Bruxelas está "discutindo diferentes medidas" contra produtos americanos. "Estamos olhando para tudo, desde levar o caso à OMC, sozinhos, com parceiros, mas também medidas de salvaguarda ou possíveis retaliações", disse.

Uma primeira etapa do processo na OMC deve ser lançada em breve. Nos bastidores, o Estado apurou que diplomatas consideram uma ação conjunta para mostrar a unidade da comunidade internacional contra Trump. Em 2002, algo parecido foi realizado por Europa, Brasil, Japão e vários outros governos contra as medidas similares adotadas por George W. Bush.

Num raro comunicado de apoio à Europa, o governo russo indicou que compartilha das preocupações dos governos europeus. "Vamos analisar nossa relação comercial com Washington", disse Dmitri Peskov, porta-voz do Kremlin.

Mesmo o principal parceiro comercial dos EUA, o Canadá, deixou clara sua irritação com a medida de Trump. "Essa tarifa será inaceitável", disse o ministro de Comércio do Canadá, François-Philippe Champagne.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Economia

Autor: Mônica Scaramuzzo

Título: Siderúrgicas perdem R\$ 1,7 bi em um dia

Empresas dizem que serão prejudicadas se ameaça de taxaço do aço se concretizar; um terço das exportações do País vai para os EUA.

As siderúrgicas instaladas no Brasil estão preocupadas com a ameaça de taxaço em 25% do aço importado pelos Estados Unidos. A medida, anunciada na quinta-feira pelo presidente Donald Trump, será detalhada a partir da próxima semana e coloca as indústrias em alerta. "Um terço das exportações brasileiras de aço tem como destino os Estados Unidos", disse Marco Polo de Mello Lopes, presidente executivo do Instituto Aço Brasil (IABr). As ações da CSN, Usiminas e Gerdau fecharam com forte queda ontem, entre os piores desempenhos da Bolsa. Juntas, as três perderam R\$ 1,7 bilhão em valor de mercado.

No ano passado, o País exportou 15,3 milhões de toneladas de aço, dos quais 4,7 milhões de toneladas (Us\$ 2,6 bilhões em receita) foram para o mercado americano, segundo a IABr. Só a CSA, que pertence ao grupo ítalo-argentino Ternium, tem contrato anual de 2 milhões de toneladas de aço para a Calvert, no Alabama. A francesa Vallourec, com unidades em Minas, exporta 70% de sua produção, boa parte para o mercado americano.

Em nota, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) disse que a decisão dos EUA de impor sobretaxas é "injustificada, ilegal e prejudica o Brasil". Para a entidade, as medidas anunciadas por Trump "vão afetar US\$ 3 bilhões em exportações brasileiras de ferro e aço e US\$ 144 milhões em exportações de alumínio".

A CSN e outras siderúrgicas no País começaram a intensificar as exportações nos últimos anos, após a longa recessão que se abateu sobre o Brasil. Fontes ligadas à siderúrgica comandada pelo empresário Benjamin Steinbruch afirmaram que a empresa aposta na recuperação do mercado interno. A CSN exporta placas para sua unidade em Indiana, nos EUA, que é reindustrializada.

Os papéis da CSN encerraram ontem com recuo de 5,05%, cotados a R\$ 9,21. As ações da Usiminas caíram 3,9%, a R\$ 11,34, enquanto as da Gerdau baixaram 1,46%, a R\$ 16,90 (os papéis da holding da família caíram 2,38%).

Risco. Para Lopes, do IABr, apostar na recuperação do mercado doméstico é uma temeridade. "O Brasil produziu 34 milhões de toneladas de aço em 2017, dos quais 15,3 milhões foram exportadas. Ainda há capacidade ociosa no País", disse ele, lembrando que o consumo aparente ficou em 19 milhões de toneladas no ano passado. "As vendas no mercado doméstico foram de 16 milhões de toneladas de toneladas."

No início desta semana, Lopes e representantes das principais indústrias instaladas no País participaram de reuniões nos EUA para tentar sensibilizar o governo americano sobre os impactos de tarifas sobre o aço brasileiro. "O Brasil é o segundo maior exportador de aço para os EUA, atrás do Canadá, e cerca de 80% do que o Brasil vende ao mercado americano é reprocessado. Os EUA importam cerca de 30 milhões de toneladas e, com essa medida, esse volume vai sobrar", disse.

A Usiminas informou que as novas medidas do governo dos EUA não devem ter impacto relevante para a empresa, uma vez que o país respondeu por 4% das vendas externas da companhia no ano passado. A empresa destina apenas 15% de suas vendas totais ao mercado externo.

À reportagem, a Vallourec não revelou dados de exportação, mas afirmou que, atualmente, a unidade brasileira exporta aproximadamente 70% da produção e que o mercado americano é um dos principais compradores. A CSN não comentou o assunto. Já a Gerdau não retornou os pedidos de entrevista.

Colaboraram Lorena RODRIGUES, DE BRASÍLIA, E RENATO CARVALHO, DE SÃO PAULO

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Economia

Autor: Lu Aiko Otta

Título: 'Exportação brasileira sofrerá efeito grande'

Entrevista : Welber Barrai, ex-secretário de Comércio Exterior

Uma sobretaxa de 25% pode tornar impossível aos produtores nacionais seguir exportando aço para os EUA, diz Welber Barral, ex-secretário de Comércio Exterior e sócio da consultoria Barral MJorge. A seguir, os principais trechos da entrevista:

- Quais as consequências dessa sobretaxa ao aço anunciada pelos EUA?

Se a medida for de fato aplicada como anunciada, haverá um efeito grande sobre as exportações brasileiras de aço, porque os EUA são o nosso principal mercado. Provavelmente, vai inviabilizar boa parte das vendas para lá.

- Mas o prejuízo não é igual para todos os exportadores, já que a sobretaxa será aplicada de forma geral?

É uma medida para favorecer o produtor norte-americano, porque dificulta a importação de aço. Alguns países, como a China, poderão continuar exportando para lá. O Brasil, não.

- Há mais desdobramentos dessa medida?

Sim. Teremos um risco de prática de dumping (exportação a preços artificialmente baixos) de aço em outros mercados para onde o Brasil exporta e também no próprio mercado brasileiro. O problema da sobreoferta de aço no mundo, que vem desde depois da crise de 2009 e não se restringe aos EUA, vai se agravar. E há ainda o risco de começar uma guerra comercial.

- Como?

Os países devem recorrer à OMC e eventualmente pedir retaliação contra os EUA.

- O presidente dos EUA, Donald Trump, não parece preocupado com essa perspectiva.

Sim. Mas é típico de quem não sabe história. A crise de 1930 foi isso: os EUA adotaram tarifas altas e outros países retaliaram até que a bolsa de Nova York quebrou. Ao contrário do que ele declarou, em guerra comercial todo mundo perde.

- O Brasil vai entrar na OMC contra essa medida?

O governo deve esperar para ver qual medida será aplicada de fato. Há uma movimentação muito grande de lobbies nos EUA tentando mitigá-la. A própria indústria local, usuária do aço, está pressionando.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Economia

Autor: Cláudia Trevisan - CORRESPONDENTE / WASHINGTON

Título: Empresas americanas criticam proposta

Barreiras comerciais impostas por Trump devem afetar também indústrias do país que dependem desses insumos para fabricar seus produtos

As tarifas sobre a importação de aço e alumínio anunciadas anteontem pelo presidente Donald Trump foram rejeitadas pelos demais setores da economia dos Estados Unidos, que alertaram para o aumento de preços de seus produtos e o risco de retaliação por parte de outros países, na forma de barreiras às exportações americanas.

O temor de que a medida provoque uma guerra comercial em escala global provocou quedas nos mercados acionários em todo o mundo nos dois últimos dias. O porta-voz do Fundo Monetário Internacional (FMI), Garry Rice, afirmou que as barreiras afetarão não apenas os fornecedores externos de aço e alumínio dos EUA, mas as indústrias dentro do país que dependem desses insumos para fabricar seus produtos finais - entre os quais estão carros, eletrodomésticos, latas, aviões e máquinas.

Ontem, Trump voltou a defender sua ofensiva protecionista, que acentuou as divisões entre seus principais assessores econômicos. "Quando um país (EUA) está perdendo bilhões no comércio com virtualmente todos os países com os quais transaciona, guerras comerciais são boas e fáceis de ganhar", escreveu o presidente no Twitter.

O anúncio das tarifas foi feito de forma atabalhoada na quinta-feira, sem que os detalhes finais da decisão estivessem finalizados. Trump disse que as alíquotas serão de 25% para o aço e de 10% para o alumínio e que a assinatura da medida ocorrerá apenas na próxima semana.

Segurando uma lata de sopa Campbell's e outra de Budweiser, o secretário do Comércio, Wilbur Ross, tentou minimizar o impacto da decisão sobre o preço final de bens que usam aço e alumínio. "Em uma lata de sopa Campbell's há cerca de 2,6 centavos de aço. Se o preço subir 25%, isso equivale a seis décimos de 1 centavo", afirmou em entrevista à rede CNBC. "Quem no mundo vai se importar com isso?"

Em entrevista à TV Bloomberg, Ross indiciou que não deverá haver exclusão de países na aplicação das medidas. "Entre as opções que eu apresentei, o presidente Donald Trump escolheu essa, que é a imposição de tarifas sobre todos os produtos de todos os países."

Brasil.

Segundo maior exportador de aço para os EUA no ano passado, o Brasil pediu para ser poupado das barreiras sob o argumento de que exporta aço semiacabado, finalizado por siderúrgicas americanas.

Especialista em comércio internacional e professor da Universidade Brandeis, em Boston, Peter Petri afirmou que as tarifas elevarão de maneira acentuada os preços do aço e do alumínio, o que será uma ameaça para indústrias que os utilizam em suas linhas de montagem. "É por isso que as ações da Boeing, Caterpillar e General Motors - que são importantes usuários de aço e alumínio - caíram depois do anúncio de Trump", observou.

Setores que não dependem desses insumos também podem sofrer em razão da provável retaliação por parte de outros países. Um dos mais vulneráveis é o agropecuário. Petri ressaltou que os segmentos potencialmente afetados empregam muito mais pessoas do que as indústrias que Trump quer proteger.

Segundo ele, a afirmação do presidente de que guerras comerciais "são boas e fáceis de vencer" contraria tudo o que historiadores e economistas escreveram sobre o assunto. "Guerras comerciais aumentam os preços, desestabilizam cadeias de fornecimento e matam oportunidades de negócios. Grandes países como a China e os Estados Unidos podem sofrer menos que os menores, mas não haverá vencedores."

Segundo o Instituto Americano de Ferro e Aço, o setor emprega 140 mil pessoas de forma direta e quase 1 milhão de maneira indireta. Só a indústria automobilística garante 7 milhões de postos de trabalho diretos e indiretos, disse em nota Matt Blunt, presidente do Conselho Americano de Política Automotiva. O executivo afirmou que a alta de preços de aço e alumínio colocará os fabricantes americanos em desvantagem em relação a concorrentes globais.

Veículos foram o quinto maior produto de exportação dos Estados Unidos no ano passado, com embarques de US\$ 130 bilhões, o equivalente a 8,4% do total. As exportações de aço americanas foram de US\$ 12,49 bilhões (0,8%) no mesmo período, mostram dados do Departamento do Comércio.

"Não se equivoquem, isso é um imposto sobre as famílias americanas", declarou o presidente da Federação Nacional do Comércio, Matthew Shay. "Essas tarifas ameaçam destruir mais empregos nos EUA do que criar, ao mesmo tempo em que enviam sinais alarmantes a nossos parceiros comerciais e diminuem os mercados para produtos americanos no exterior."

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Economia

Autor:

Título: Para republicanos, tarifa sobre aço é como novo imposto

Parlamentares, defensores do livre comércio, se opuseram às medidas anunciadas por Donald Trump.

WASHINGTON- Tradicionais defensores do livre comércio, parlamentares republicanos se opuseram às tarifas sobre a importação de aço e alumínio divulgadas pelo presidente Donald Trump na quinta-feira. Líderes da legenda no Congresso não foram avisados com antecedência da intenção do ocupante da Casa Branca de anunciar as barreiras.

Para muitos, a medida equivale a um novo imposto, que comerá parte do alívio dado pelo corte de US\$ 1,5 trilhão em tributos aprovado em dezembro, na que foi a principal conquista legislativa dos republicanos.

"Tarifas novas e enormes desse tipo sobre a importação de aço são um grande equívoco e vão aumentar os custos para os consumidores americanos, gerar perda de empregos e incentivar a retaliação de outros países", declarou o senador republicano Pat Toomey, da Pensilvânia, um dos Estados que lideram a produção de aço nos Estados Unidos.

Em conflito.

Em um sinal do conflito entre o protecionismo de Trump e a posição histórica de seu partido, as tarifas foram elogiadas por outro parlamentar da Pensilvânia, o senador democrata Bob Casey. "Eu felicito @realDonaldTrump pelo anúncio de sua intenção de agir para proteger nossos trabalhadores siderúrgicos de países, como a China, que trapaceiam no comércio", escreveu o parlamentar no Twitter, fazendo referência à identificação do presidente na mídia social.

Apesar de a China ser o principal alvo da retórica de Trump no âmbito do comércio internacional, o país não estará entre os mais afetados pelas tarifas. Medidas antidumping impostas pela administração Barack Obama reduziram o volume de importação de aço do país de 2,9 milhões de toneladas, em 2014, para 740 mil toneladas no ano passado, o que colocou a China no 11.º lugar entre os fornecedores externos do produto.

O primeiro posto é ocupado pelo Canadá, sócio dos EUA e do México no NAFTA que já anunciou que não aceitará a cobrança da tarifa. Em segundo vem o Brasil, que pediu para ser excluído da medida sob o argumento de que sua produção é complementar à dos EUA.

Colisão.

O anúncio de Trump também o colocou em rota de colisão com integrantes de seu gabinete mais afinados com políticas pró-mercado, entre os quais o diretor

do Conselho Econômico Nacional da Casa Branca, Gary Cohn, que é o principal assessor econômico do presidente.

Segundo reportagens veiculadas pela imprensa americana, Cohn esteve prestes a deixar o governo há alguns meses, mas decidiu permanecer para tentar convencer o presidente a não ceder a seus instintos protecionistas. Com sua derrota, as especulações sobre sua saída voltaram a ganhar força.

Os grandes vitoriosos com a decisão de Trump são o secretário de Comércio, Wilbur Ross, o Representante Comercial dos EUA, Robert Lighthizer, e Peter Navarro, assessor do presidente para política comercial e industrial. Em comum, eles nutrem hostilidade em relação à China e defendem a redução drástica do déficit comercial americano. / c.t.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Economia

Autor: Jamil Chade - CORRESPONDENTE / GENEBRA

Título: OMC vê risco de escalada protecionista

Diretor-geral da entidade afirmou que medidas anunciadas por Trump têm potencial para deflagrar aumento nas barreiras global.

O diretor-geral da Organização Mundial do Comércio (OMC), o brasileiro Roberto Azevêdo, abandonou sua imparcialidade tradicional com relação às medidas adotadas por diferentes governos e declarou que está "claramente preocupado com o anúncio dos planos dos EUA para aplicar tarifas sobre o aço e o alumínio". O principal temor do diplomata é de que a ação seja rebatida por outros países com a aplicação de retaliações, o que abriria uma guerra comercial entre as maiores economias do mundo.

Em Genebra, a avaliação é que a onda protecionista nos EUA e a possibilidade de medidas que serão adotadas por governos em todo o mundo como resposta representam um dos maiores desafios para a OMC em seu papel de árbitro internacional. A crise ocorre justamente num momento em que os tribunais da entidade estão à beira da paralisia, diante de uma ação orquestrada pelo governo americano para frear a nomeação de novos juízes.

Não por acaso, Azevêdo alerta contra uma multiplicação de barreiras pelo mundo. "O potencial para uma escalada é real, conforme vimos a partir das respostas iniciais de outros países", declarou, numa alusão às promessas dos europeus e de outros governos de responder com mais tarifas contra produtos americanos.

"Uma guerra comercial não é de interesse de ninguém", insistiu. Segundo ele, a OMC vai acompanhar a situação "de muito perto". Donald Trump, presidente americano, anunciou planos de imposição de uma taxa de 25% para as importações de aço e de 10% para o alumínio, numa medida que visa a proteger a indústria local. Os detalhes, porém, só serão conhecidos na semana que vem.

Azevêdo vinha evitando criticar o governo americano nos últimos meses. Ao assumir o cargo de presidente americano, Trump atacou a OMC, afirmando que a ignoraria se ela fosse contra seus interesses.

A estratégia do brasileiro era a de não criar um clima de tensão entre sua entidade e o governo americano, sob o risco de ver um abandono completo do sistema multilateral por Trump.

Solução. Em diferentes partes do mundo, o tom ontem era de preocupação em relação aos rumos do comércio global após a medida anunciada pelo governo americano. O governo australiano falou sobre o risco de uma onda de retaliações, enquanto o Japão, a Tailândia e a Coreia do Sul alertaram para a ameaça de uma onda protecionista como resposta à decisão de Trump.

Exportadora de apenas 2% do consumo americano de aço, a China também se mostrou preocupado com um "efeito dominó" das medidas, com o fechamento de outros mercados.

"A China pede aos Estados Unidos que não recorram às medidas protecionistas e que respeitem as regras do comércio multilateral", declarou Hua Chunying, porta-voz da chancelaria chinesa. "Se outros países seguirem o mesmo passo, isso poderá ter um impacto grave sobre a ordem do comércio mundial." A China, porém, é vista como parte do problema do excesso de aço no mercado global.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Economia

Autor: Anne Warth

Título: Venda de subsidiárias da Eletrobrás afeta 6 mil empregados

Com privatização, funcionários, contratados pela CLT, passarão a fazer parte do quadro da empresa compradora

A privatização das seis distribuidoras da Eletrobrás vai afetar mais de seis mil trabalhado* res. Assim que as empresas forem leiloadas, os empregados deixarão de trabalhar para o setor público e passam a ser chefiados por uma empresa privada. A experiência de outras estatais que foram privatizadas

mostra que isso significa planos de desligamento voluntário (PDVs), demissões e aumento nas terceirizações.

Os empregados de empresas estatais são contratados por meio de concursos públicos, no regime celetista, regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Não são funcionários públicos e, portanto, não possuem estabilidade. Porém, as demissões em estatais não são um ato de praxe, a não ser em casos de falta grave. Uma vez passado o período de experiência, de três meses, na prática, a vida profissional fica muito próxima da estabilidade.

A Celg-D, distribuidora que atua no Estado de Goiás, pertencia à Eletrobrás e ao governo goiano. Foi comprada pela Enel no fim de 2016. Desde então, a força de trabalho caiu quase que pela metade. De acordo com o diretor do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Urbanas no Estado de Goiás, Eliomar Palhares, a empresa tem hoje 1.068 empregados, ante 1.972 em janeiro de 2017. "A primeira coisa que os novos acionistas da Celg-D fizeram ao assumir a empresa foi um PDV. Saíram mais de 800 pessoas. Em seguida, houve uma leva de demissões mensais", afirmou. Em janeiro do ano passado, havia dois terceirizados para cada empregado direto. Agora, são 5 para 1, segundo Palhares. Cerca de 30 ex-funcionários da Celg-D voltaram para a empresa como terceirizados.

Em Rondônia, onde fica a Ceron, uma das seis distribuidoras da Eletrobrás, a Federação Nacional dos Urbanitários (FNU), entrou com várias ações em diversas instâncias da Justiça para anular a assembleia de acionistas realizada em fevereiro que aprovou a privatização das subsidiárias. "Nossa luta é para que as empresas não sejam privatizadas. Acreditamos que vamos reverter esse quadro", disse o vice-presidente da FNU, Nailor Gato.

O leilão das distribuidoras está marcado para o dia 30 de abril. Assumidas pela Eletrobrás em 1998, as concessionárias, que antes pertenciam a governos estaduais, geraram prejuízos de mais de R\$ 20 bilhões para a holding.

O secretário-executivo do Ministério de Minas e Energia Paulo Pedrosa, afirma que a privatização é a melhor solução para todos - empregados, governo, empresas e clientes. "Sem a privatização, essas empresas serão liquidadas. Esse é o pior cenário para os trabalhadores, que terão de lidar com uma massa falida", disse. Na avaliação dele, a venda vai gerar novas oportunidades para os funcionários. Questionado sobre a possibilidade de demissões e terceirizações, Pedrosa respondeu que essa é uma decisão que cabe aos novos concessionários.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Seção:** Opinião**Autor:****Título:** Crescimento saudável das importações

A balança comercial de fevereiro apresentou superávits de US\$ 4,9 bilhões, recorde para o mês, e de US\$ 67 bilhões nos últimos 12 meses, resultado semelhante ao recorde de 2017. As exportações foram de US\$ 17,3 bilhões e as importações, de US\$ 12,4 bilhões. No primeiro bimestre, a corrente de comércio (soma de compras e vendas) subiu 13,8% em relação a 2017, bom sinal para o início do ano, quando o ritmo do comércio exterior é lento.

Alguns analistas ainda consideraram fraco o desempenho das importações, mas essa não é a avaliação do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), que aponta para a tendência de crescimento mais rápido das compras do que o das vendas externas. No terceiro e no quarto trimestres de 2017, o aumento das importações atingiu 10,8% e de 16,4%, e foi de 15,1% no primeiro bimestre de 2018, comparativamente ao ano anterior. Nos mesmos períodos, as exportações cresceram 17,9%, 17,6% e 12,9%. A argumentação do Iedi ganha força quando se nota que as vendas externas de fevereiro foram ajudadas pela exportação fictícia de uma plataforma de petróleo (de R\$ 1,5 bilhão).

As exportações de fevereiro foram lideradas por bens manufaturados, com destaque para pisos de revestimentos cerâmicos, bombas e compressores, tratores, máquinas para terraplenagem, autopeças, automóveis de passageiros e motores para veículos e partes, além de óleos combustíveis. As vendas de básicos foram afetadas pelas cotações internacionais das commodities, que caíram entre fevereiro de 2017 e de 2018.

Quanto às importações, cresceram as compras em todas as grandes categorias econômicas - bens de consumo (+21,3%), bens intermediários (+11,7%) e combustíveis e lubrificantes (+7,5%). O avanço das compras de bens de capital foi, percentualmente, ainda maior (+24,4%), mas o valor dessas importações ainda é pequeno (US\$ 1,27 bilhão, ou 10,2% do total de importações). Os destaques foram veículos de carga, motores elétricos, lâmpadas de LED, unidades de processamento digital, escavadoras, quadros de energia, máquinas e aparelhos mecânicos.

O aumento das compras de bens de capital é compatível com o da alta do investimento já notada no final de 2017. Mas essa alta, segundo o Iedi, ocorre em projetos de médio porte, voltados para atualização de máquinas e equipamentos.

MME / ASCOM .